

**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
CAMPUS HERÓIS DO JENIPAPO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FELIPE MODESTO CAVALCANTE

**O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM
ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.**

**CAMPO MAIOR-PI
ABRIL-2024**

FELIPE MODESTO CAVALCANTE

**O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM
ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.**

Trabalho Monográfico apresentado a Universidade Estadual do Piauí como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação do professor Me. Ernani José Brandão Júnior

CAMPO MAIOR-PI

2024

C376c Cavalcante, Felipe Modesto.

O cotidiano da juventude do bairro Batalhão em Altos-PI na década de 1990 / Felipe Modesto Cavalcante. – 2023.

49 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Licenciatura Plena em História, *Campus* Heróis do Jenipapo, Campo Maior-PI, 2023.

“Orientador: Prof. Me. Ernani José Brandão Júnior.”

1. Juventude. 2. Conflito social. 3. Memória. 4. Rebeldia.
5. História. I. Título.

CDD: 909.82

FELIPE MODESTO CAVALCANTE

**O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM
ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.**

Trabalho Monográfico apresentado a Universidade
Estadual do Piauí como requisito para obtenção do grau
de Licenciado em História, sob a orientação do professor
Me. Ernani José Brandão Júnior

Aprovado: em 13 de junho de 2024

BANCA EXAMINADORA

Me. Ernani José Brandão Júnior
(Orientador)

Edmundo Ximenes Rodrigues Neto
(Examinador Interno)

Carlos Alberto Dias
(Examinador Externo)

CAMPO MAIOR-PI
2024

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por me dar forças e sabedoria para terminar este trabalho e que ele possa me trazer orgulho. E agradecer às minhas mães, Maria do Socorro e Maria de Jesus, porque sem elas eu não seria muita coisa e muito menos o que sou hoje, obrigada mãe por tudo. À minha companhia de todas as horas, a minha inspiração e o meu motivo de sempre buscar o melhor de mim, Maria, e ao meu filho Miguel que todo esse esforço e essa luta é por vocês.

Ao professor Edmundo Ximenes, cujo entusiasmo contagiante me inspirou e me ajudou a refinar a escolha do meu tema, ao professor Ernani, que como meu orientador, me mostrou conceitos e textos fundamentais para a construção desta pesquisa. Agradeço imensamente aos professores, a todos os professores do curso de História da UESPI; nunca esquecerei o apoio e o aprendizado, em especial à professora Mara Lúcia e Fábio Nadson.

Aos meus colegas de turma: Francisco Lucas, Pádua, Vinícius, Elias, João Vitor, Adassa, Lucas com quem me senti de volta ao ensino fundamental, diverti-me demais ao lado de vocês, meus parceiros. Às minhas companhias de viagens e de trabalhos de sofrimento acadêmico, Yana e Anivania, que foram as minhas companhias nos fins e nos inícios de tarde nas esperas dos ônibus e com quem dividi experiências sobre a universidade e sobre a vida.

À minha amiga Maria Laís, por quem eu tenho muito carinho e irmandade e, apesar de pequena em estatura, se mostrou ser uma grande mulher, assim como Vanessa, que talvez ela não perceba o tamanho da força e determinação que ela me mostrou, e a todos os meus colegas da universidade, vocês ficarão marcados na minha história e nunca esquecerei de vocês, apesar de que eu tenha chegado como um intruso, sempre fui bem recebido e me senti acolhido. Vocês foram muito importantes para mim, onde criei grandes amizades e boas lembranças.

Agradecer a todos que me deram carona entre Altos e Campo Maior e do trabalho até a UESPI. Suas amizades e o esforço de vocês também fazem parte desta pesquisa. Em especial a Kátia, Livramento, Andrea, Jéssica Chaves, Rayssa, Laura, Kaline e aos meus consagrados Pablo, Maurício, Augusto, Cícero, e a todos os policiais penais e demais servidores, meu sincero obrigado. Sem vocês, eu não teria força vital para terminar este curso.

E aos cobradores e motoristas das empresas Transfutado e VMC que muito nos apoiaram na falta de quem deveria apoiar nos transportes entre as longas distâncias de Altos e Campo Maior e da rodoviária até a UESPI.

Em especial ao diretor da penitenciária de Campo Maior, Hermógenes, cujo apoio e esforço foram essenciais para mim terminar este curso superior. Meu sucesso também é seu, meu amigo. Muito obrigado por tudo; sem você, eu não teria superado esse desafio. Levarei seus pensamentos e seus métodos inovadores para a minha vida e a dos meus alunos.

Aos meus colegas de trabalho da Secretaria de Justiça do Estado e da penitenciária, que foram muitos ao decorrer da graduação, vocês também fazem parte disso, meus caros. E ao meu filho, que desde que nasceu, tentei ser o melhor possível para te dar um futuro e um presente melhor, diferente daquele que eu tive. A Amanda Lima, que por muitas vezes me deu o suporte que eu precisava e soube entender meus anseios.

Agradecer aos meus entrevistados e funcionários do fórum de Altos e todos os professores dos meus estágios e vizinhos e amigos que me ajudaram na pesquisa e em especial a professor Carlos Dias que muito ajudou nas conversas durante meu estagio, Ivan Viana, meus vizinhos seu chico “vei chico” meu primo Wesley, meu padrasto e meus alunos dos estágios que me mostraram os caminhos de algumas das minhas entrevistas.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tratar sobre as rotinas das juventudes do bairro Batalhão na cidade de Altos, Piauí, inserido dentro do recorte histórico da década de 1990 do século XX. O estudo vai mostrar as práticas de pessoas que moravam no bairro e de outros bairros vizinhos, seus locais de sociabilidade e a produção de subjetividade do grupo, como por exemplo, fatos marcantes do que diz respeito às idas e vindas de festas, no centro e na zona de influência do bairro, as práticas de esportes, paqueras, conflitos, trabalho, estudo, medo e para alguns, usos de comportamento considerado rebelde. A coleta de dados e fontes foi realizada através de entrevistas com participantes do grupo e espectadores de alguns fatos acima, fotografias, boletins de ocorrência e as referências de outros trabalhos científicos que tratam do jovem em Altos. A pesquisa vai mostrar o desfecho do grupo quando a responsabilidade da vida adulta chega para eles e por consequências de seus atos, além de recuperar memórias sobre acontecimentos que provocaram o avanço do sentimento de insegurança relacionado a uma parcela do bando, acelerando o seu desmanche e conseqüentemente atribuindo uma má fama como arruaceiros, rebeldes e até mesmo perigosos no imaginário do bairro e na cidade, ultrapassando os limites da zona periférica.

Palavras-chave: Juventude, Conflitos, Rotinas, Rebeldia.

ABSTRACT

This study aims to discuss the routines of the youth from the Batalhão neighborhood in the city of Altos, Piauí, within the historical context of the 1990s. The research will showcase the practices of people who lived in the neighborhood and other neighboring areas, their socialization spaces, and the group's subjectivity production. For instance, significant events related to attending parties in the city center and the neighborhood's influence zone, sports practices, flirting, conflicts, work, study, fear, and for some, behaviors considered rebellious. Data and sources were collected through interviews with group participants and spectators of some of the above events, photographs, occurrence bulletins, and references from other scientific works that discuss youth in Altos. The research will reveal the group's outcome when adult life responsibilities arrive and the consequences of their actions. It will also recover memories of events that triggered the advancement of insecurity feelings related to a portion of the gang, accelerating its dissolution and consequently attributing a bad reputation as troublemakers, rebels, and even dangerous in the neighborhood and city's imagination, surpassing the peripheral zone's limits.

Keywords: Youth, Conflicts, Routines, Rebellion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES FIGURAS

Figura 1 - Baile da Saudade danceteria o Pedrinho.....	19
Figura 2 - Grupo de capoeira Abadá.....	21
Figura 3 - Riacho da Santa Luzia.....	22
Figura 4 - Mapa com bairros de Altos.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 UM ESTUDO SOBRE A ROTINA DOS JOVENS DO BAIRRO DO BATALHÃO	6
2.1 JUVENTUDE E TRANSIÇÃO: CONFLITOS E EXPECTATIVAS	13
2.2 ENTRE ROTINAS E MEMÓRIAS	16
3. JUVENTUDE REBELDE: UMA FORMA DE CONTESTAÇÃO	25
3.1 “REBELDIA” E “DELIQUÊNCIA” UM OLHAR SOBRE OUTRAS “TURMA DE BAIRROS”	27
3.2 O DECLÍNIO: BOAS AMIZADES SE DESFAZEM.	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ENTREVISTAS REALIZADAS	42
DOCUMENTOS CONSULTADOS	43

1 INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa tem como objetivo mostrar a cena jovem nos anos 90 do século XX na cidade de Altos. Demonstrei como a juventude afastada do centro da cidade era criadora de subjetividade, possuindo também seus próprios hábitos de diversão, lazer, relações sociais, escolares, identidade social, moral, rebeldia, conflitos e intrigas com outros grupos. Utilizarei a memória dos moradores mais antigos do bairro e entrevistas com participantes e espectadores para analisar a conduta geral deles e de uma parcela que, pelas memórias dos moradores e outros indicativos, ficou conhecida como arruaceira, perigosa e rebelde.

Nesse sentido, investigar a turma do Batalhão, como eram popularmente conhecidos na cidade, um grupo de jovens moradores do bairro periférico de Altos, contribui para elucidar: como era o cotidiano dessa juventude? Qual era o perfil familiar e de renda deles? Quais eram suas condições de moradia, suas sociabilidades e sonhos, seus conflitos? Enfim, compreender como era ser jovem na periferia de Altos nesta década.

Os motivos primários e íntimos que levaram à realização desta pesquisa, visando dar destaque ao bairro onde moro, vão além de simplesmente preencher as lacunas sociais das regiões suburbanas e periféricas da minha cidade. Esses motivos são complementados por um desejo pessoal de enriquecer a comunidade. Cresci mergulhado em histórias contadas por minha mãe e seus amigos, repletas de aventuras e alegrias vividas durante a juventude.

Ouvia de amigos dela como e onde eles se encontravam para se socializar logo após as tardes e manhãs de aulas nas escolas Pio XII¹ e Afonso Mafrense². A família de minha mãe morava na capital Teresina, mas tinha laços familiares na cidade, e esse foi um dos motivos da vinda para Altos no ano de 1989. Foi no batalhão que ela passou uma grande parte de sua juventude, fez amigos e logo já fazia parte de uma grande corrente de jovens.

Essas narrativas me faziam questionar sobre quem realmente eram eles e como chegou a esse fim. Sobre a variedade nas narrativas sobre a “galera do

¹ Unidade Escolar Pio XII escola onde a maioria dos jovens do batalhão estudavam localizado no centro.

² Unidade Escolar Afonso Mafrense localizada no centro de Altos

batalhão”, o objeto dessa pesquisa não está livre de motivos íntimos haja vista que uma boa parcela fez parte da minha vida.

As análises serão norteadas por conceitos que serão encontrados ao decorrer da pesquisa que estão dividindo em dois capítulos onde no primeiro irei usar as narrativas sobre as atividades realizadas de um grande grupo alinhado a memórias e as fontes documentais e locais de Sociabilidades, essas memórias que foram colhidas pôr membros e expectadores dessa juventude.

No segundo capítulo, irei me aprofundar mais no bando de ‘rebeldes’, mesclando memórias, narrativas e documentos oficiais. Além disso, analisarei a conduta e a ‘separação’ desse grupo maior. Como isso foi concluído até o fim de ambos os grupos? Seria pelo fim imposto pelos conflitos e violência, ou pelo fim social natural que é a transição do fim da etapa natural e biológica da vida jovem para adulta.

O fato é que a produção desse conteúdo é importante para o conhecimento municipal onde um olhar menos centralizado ganhe abrangência acadêmica na cidade, mostrando que em todo os lados da cidade existe uma parcela rica em subjetividade, culturas e conflitos.

A história oral permite recuperar memórias, emoções e opiniões dos sujeitos, valorizando suas vozes e perspectivas. A história oral possibilita a construção de uma narrativa coletiva, que é importante nesse trabalho, que revela as semelhanças e diferenças entre as experiências individuais e as relações entre os sujeitos e o contexto histórico. Para realizar esta pesquisa, optamos pela metodologia da história oral.

Os objetivos da pesquisa e analisar essas condutas consideradas desviantes dos jovens do batalhão e recuperar narrativas sobre elas, também mostrar as rotinas da maioria dos jovens no bairro, mostrando suas rotinas, brincadeiras, desafios, vida familiar e social e seus conflitos, trazer a história do bairro e de seus locais de sociabilidades seus pontos de referências mostrar pelas as memórias de seus primeiros moradores como foi essa juventude no ponto de vista deles e como surgiu a fama e má fama de alguns.

2 UM ESTUDO SOBRE A ROTINA DOS JOVENS DO BAIRRO DO BATALHÃO

“A juventude é a época de se aventurar, de explorar o desconhecido, de descobrir novos horizontes.”

Ellen Johnson Sirleaf

A cidade de Altos, sem dúvida, é um lugar com grandes expectativas e uma grande vantagem geográfica por estar próxima a Teresina, que é a capital do estado. A teoria mais aceita é que sua fundação ocorreu no ano de 1800, com a chegada de João de Paiva vindo do Ceará devido à crise gerada pela seca naquela época. A família Paiva estabeleceu-se na região.

Fixaram residência por muitos anos em terras que hoje pertencem ao município de Altos. O povoamento de Altos é decorrente da migração, onde existem dois fatores: o da expulsão e o da atração. No nosso caso o fator em questão é o da expulsão, pois João de Paiva ao vir para Altos fugia da seca no Ceará, que tornou a paisagem desértica e improdutiva, matando o gado de fome e de sede. (RODRIGUES, 1991, p. 14 apud SILVA, 2010).

O início do povoamento da cidade de Altos está ligado aos encontros de culturas, alimentando uma rica diversidade cultural. Com o passar das décadas, o que começou como um povoado, floresceu em uma cidade, com vários bairros, zonas rurais e urbanas, escolas, diferentes religiões, prédios públicos, além de áreas de sociabilidade e lazer. Esse desenvolvimento reflete o espírito comunitário humano.

Uma cidade é todo um aglomerado de tudo e todos, segundo Tostes uma cidade, por menor que seja, constitui-se numa concentração de pessoas; concentração que pode ser denominada material com objetos diversos, edificações, habitações, automóveis, máquinas, etc.; e concentração imaterial com ideias diversas, valores religiosos e laicos, crenças, tradição cultural (TOSTES, 2013).

A busca de respostas técnicas para definir um bairro nesta pesquisa vai além de conceitos administrativos mais sim pela fluência antropológica e história de seus moradores e suas narrativas e memórias coletivas que se tratavam em suas maiorias desses jovens.

Entendendo isso e compreendendo como começaram alguns atos de mudança de apenas diversão para atos mais considerados desviantes feitos por alguns deles dentro do grupo e suas consequências, analisar o fato de que uma necessidade básica

social do ser humano, desde os inícios dos tempos, os homens se organizam em grupos. Essa formação tem várias delimitações e características, como por exemplo a localização. Pessoas que moram no mesmo bairro criam uma identidade com seu “território”.

Olhando no âmbito dos grupos urbanos ligados a esse fim territorial, como cita LÓPEZ (1940, p. 30), “de um lado temos a posição que o grupo crê que esse indivíduo merece e ocupa em seu seio, de outro, temos que ele mesmo crê ocupar e merecer”. Portanto, fazer a evolução histórica desses grupos e dizer um pouco sobre o traço humano de viver em sociedade.

O conteúdo dessa pesquisa sobre essa juventude abrange suas culturas, espaços de sociabilidade, rotinas e como era ser jovem naquele período e no bairro segundo Abramo.

O campo de experiências que se constrói através do cruzamento dos eixos do lazer e da cultura é de fato um dos mais importantes para os jovens porque nele são construídos espaços fundamentais de sociabilidade, de elaboração de identidades individuais e coletivas, nele são processados elementos centrais para a construção de referências e para a formulação e eleição de valores e posturas de vida, processos centrais dessa fase de vida. (ABRAMO, 2001).

É importante notar que Abramo diz e que por conta dessas rotinas e criado um espaço que é fundamental na produção de subjetividade e sociabilidade dentro do bairro e oralidade da produção histórica traz à tona um pouco da identidade da cidade e sua sociedade e o quanto era necessário um olhar para essa categoria no pós-início de crescimento urbano da cidade.

Como do conhecimento, o processo de crescimento e o aumento da população e precariedade de políticas públicas podem travar as chances de alguns a chegar a um padrão moral aceitável, levando esses jovens ao estado de rebeldia, onde por fim deixavam à mercê de um comportamento instável se comparado à ordem pública aceitável. Abramo. Afirma:

É como um fenômeno da sociedade moderna, portanto que a juventude emerge como tema para a sociologia, na verdade, esta disciplina se interessa pela juventude na medida que determinados setores juvenis parecem problematizar o processo de transmissão das normas sociais, ou seja, quando se tornam visíveis jovens com comportamento que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos. (ABRAMO, p. 8).

A sociologia mostra interesse na vertente de análise do comportamento juvenil e nos processos de alinhamento de regras da sociedade. Isso implica o desalinhamento de jovens que deveriam seguir essas normas, sendo essa uma categoria tão sensível.

Quando entrando nos meios de tecnologias disponíveis na cidade e importante regatar alguns pontos processo de modernização tecnológica da cidade era lento, entretanto, em sua grande maioria, existiam TVs que funcionavam bem. Quando o sinal analógico queria, na ausência de sinal uma das rotinas de fim de tarde da juventude no início dos anos 90

Naquele tempo não tinha celular a gente brincava era do se esconder, entendeu, tinha àqueles rádios que tirava uma caixinha do lado uma da outra nós ficava no porte jogava dominó apostado copo d'água apostando dá cachuleta da bisca o pessoal chama bisca, entendeu. Tinha as quadrilhas que a gente brincava entendeu é reunia nos poste entendeu de luz entendeu não tinha internet não tinha nada a diversão era a gente que fazia, jogava peteca, dominó barão entendeu a vida a rotina nossa era essa sem internet naquele tempo não tinha internet de jeito nenhum mais as brincadeiras eram muito sadias eu lembro de tudim bacabinha (MELO, 2024)³.

Wesley que foi participante dessa juventude no batalhão nos mostra como era a realidade de alguns dos jovens nos fins da tarde, dentro dessa memória que foi compartilhada.

Outras atividades eram o hábito de assistir novelas como "Renascer" e "Rainha da Sucata", filmes e séries de ação que eram atraentes para o imaginário e a imaginação, acabando, de certa forma, influenciando o comportamento forte dos homens e aflorando os sentimentos das mulheres. Lembro-me de ficar parado observando os romances das novelas e os embates entre os mais velhos quando brincavam de luta, muito influenciados pelos filmes de ação que assistiam.

Outra forma de diversão era o consumo do rádio, o uso doméstico para pedir músicas e para ficar informado sobre assuntos policiais locais, notícias da cidade, como a popular emissora Vale do São Francisco e as rádios João de Paiva e São José. Em outras de suas memórias, Wesley conta que o professor João de Deus cita em seu trabalho.

O interesse de boa parte dos jovens era estar com outros jovens, divertirem-se sem censura, cobrirem seus corpos com as roupas semelhantes às vestidas por jovens que apareciam nas telas de TV ou utilizadas por seus cantores favoritos, absorver seus linguajares e incorporar seus jeitos e

³ Entrevistado Wesley Santos de Melo, relata um pouco sobre a sua juventude e seus grupos de amigos, entrevista realizada em 10 de janeiro de 2024

trejeitos. Essas foram, em Altos, as principais formas de manifestações juvenis, advindas dessa forma de consumo. (RIBEIRO, p. 136.)

Meu pai e meus tios eram membros ativos desse bando. Minhas tias me levavam para ver alguns integrantes no Centro Social Urbano praticando capoeira, jogando bola e vôlei, além dos casais que aproveitavam o fim da tarde para namorar. Após o passar dos anos, passamos a morar em outro bairro bem longe e perdi o contato com todas essas juventudes.

Tinha 8 anos de idade e, longe da família do meu pai, eu continuei crescendo e apenas ouvindo suas histórias, mas sem muito participar como antes. O fato é que, de certa forma, fiz parte de algumas dessas rotinas e mesmo muito novo tenho em minhas memórias os lugares que tanto ouvi falar.

Na minha própria juventude, aos 15 anos, quando eu passeava pelo bairro em que antes morava, nas ruas, na antiga casa da minha mãe e nas casas dos meus tios, sempre tinha o sentimento de nostalgia, inclusive quando passava em frente à estação e nos trilhos, casas de conhecidos, no centro social e na frente dos bares que eram um dos pontos das famosas “confusões”.

Quase sempre era parado por algum desconhecido que me perguntava se eu era filho do finado Zé. Com a confirmação, essas pessoas me enchiam de histórias sobre eles, cada um com seu ponto de vista: que o grupo era famoso por suas animações cheias de simpatia que sempre marcaram presença nas festas no centro da cidade, serestas da região, nos jogos de futebol diários, nas rodas de capoeira e nos festejos da capela de São Pedro.

Por outro lado, a pequena parte desses jovens que ficou conhecida no senso comum da cidade como motivo de medo e arruaças, alguns indivíduos eram bons de brigas e cheios de marra, sendo chamados de “malas”. Eles sempre arrumavam confusão nas festas e procuravam briga por motivos quase banais, causando dor de cabeça para as famílias e para outras pessoas.

Deleuze afirmou que esses grupos são formados por pessoas com uma identidade comum e se unem para proteger outros grupos. Nas palavras do autor, ele cita que:

na matilha, cada um permanece só, estando, no entanto, com os outros (por exemplo, os lobos-caçadores); cada um efetua sua própria ação ao mesmo tempo em que participa do bando. "Nas constelações cambiantes da matilha, o indivíduo se manterá sempre em sua periferia. (DELEUZE, p. 45).

Deleuze descreve a “matilha” como uma forma de organização social que prioriza a liberdade e a criatividade coletiva. Nesse contexto, cada indivíduo mantém sua individualidade enquanto participa do grupo, realizando suas próprias ações simultaneamente à colaboração com o bando. Em resumo, a matilha permite uma coexistência harmoniosa entre autonomia e coletividade.

As matilhas são composições em redes de afetos, afecções, linguagens e conhecimentos que em movimentos constantes e aventureiros comportam multiplicidades de desejos intensivos e pensamentos selvagens que viajam explorando territórios, resistem à domesticação e se proliferam por contágio, formando multiplicidades selvagens as quais os diagramas da normatização não conseguem aprisionar com facilidade. (WERNECK, p. 309).

É interessante observar essas múltiplas “selvagerias” que não podem ser facilmente controladas ou normatizadas. Isso reforça a ideia de que as matilhas são entidades livres, dinâmicas e resistentes à conformidade. O bando do batalhão é um exemplo disso, especialmente quando analisamos as rotinas de grupos de jovens que moravam no bairro. Nesse contexto, podemos aplicar o conceito de referência de Maffesoli.

Esse conceito é idealizado por Michel Maffesoli em seu livro *O tempo das tribos*

A partir de 1985 o sociólogo francês Michel Maffesoli começava a utilizar o termo “tribo urbana” em seus artigos, e em 1988 surgia o seu *Le temps des tribus: le déclin de l’individualisme dans les sociétés postmodernes*. O uso da noção era metafórico, para dar conta de formas supostamente novas de associação entre os indivíduos na “sociedade pós-moderna”: o autor fala em “neotribalismo”. Seriam essencialmente “micro-grupos” que, forçados em meio à massificação das relações sociais baseadas no individualismo e marcados pela “unissexualização” da aparência física, dos usos do corpo e do vestuário, acabariam, mediante sua sociabilidade, por contestar o próprio individualismo vigente no mundo contemporâneo. (FREHSE, 2007).

As tribos urbanas são grupos de pessoas que se unem com base em interesses em comum, hábitos, ideias comuns, maneiras de se vestir ou mesmo gosto musical. Ao final, o que seria um grupamento de jovens? Qual o coletivo de pessoas jovens? Seguindo o conceito de Maffesoli, de fato, os jovens do batalhão e de outras regiões da cidade têm uma atração por interesses comuns, como foi citado acima. Um grande coletivo de indivíduos ligados pela região e pelos gostos, sim, era notável e inegável.

Esses conceitos norteadores serão importantes para entender a formação deles, tanto para o grupo maior quanto para o bando “rebelde”. É importante pontuar que ambos os conceitos têm suas características próprias. Quando falamos no grupo de jovens do batalhão que jogavam capoeira só nos finais de semana e saíam para acampamentos ao ar livre, que dançavam quadrilhas no batalhão e nos bairros

vizinhos, que jogavam futebol com um time “formado” todos os dias, que jogavam dominó nos finais de tarde e que iam juntos para festas na cidade, no bairro e no interior, estamos falando de gostos semelhantes compartilhando costumes e afinidades.

A identidade grupal é buscada em marcadores imaginários: a roupa, o cabelo, os acessórios que compõem a estética do grupo (Castro, 1998). Outras vezes, confunde-se com o território. Algumas tribos marcam sua especificidade pela ocupação e domínio de um certo recorte do espaço urbano - praças, escadas, pistas de skate etc. - no qual inscrevem sua marca pelo graffiti; pichação, presença ruidosa (Madrid, 2001; Sarlo, 1997). Em suma, as tribos urbanas são expressão do ethos contemporâneo (Gonçalves, 1999), representando formas de ser e estar típicas do mundo globalizado (Hall, 2000; 2002).” (CASTRO, 1998, p. 23; MADRID, 2001, p. 45; SARLO, 1997, p. 12; GONÇALVES, 1999, p. 67; HALL, 2000, p. 89; 2002, p. 34 apud OLIVEIRA; CAMILO; VALADARES, 2018, p. 64).

A matilha de lobos busca resistir ao controle social imposto pelo Estado, considerando certas condutas. O líder mais respeitado exercia influência breve sobre os outros em termos de força, carisma e masculinidade. A união, literalmente, fazia a força. “a gente só saía pra festas porque ele ia junto” (MODESTO, 2023)⁴. A memória que você descreveu revela o forte espírito de união e proteção presente nas entrevistas. Sem a presença de determinadas pessoas no bando, a sensação de segurança, humor, seriedade ou até mesmo as confusões não seriam as mesmas. Esses hábitos contribuíam para um clima eufórico entre essa juventude, que buscava marcar presença e reivindicar seu espaço com determinação. Afinal, eles já não eram mais crianças, mas também não se consideravam adultos.

Com o decorrer das entrevistas fui percebendo que a nomenclatura “turma” e “turma do bairro batalhão” era frequentemente citada, como por exemplo, “era turma grande”, “era só Nois mesmo, só a turma do batalhão”, “era tudo ali do batalhão, os meninos do batalhão” uso desse nome associado ao bairro levou uma identidade própria entre os próprios jovens, com isso usarei também o termo “turma do batalhão” quando me referir a eles.

Os atos de rebeldia vêm muito disso, de liberdade moral que era imposta pela sociedade formada por adultos que não reconheciam essa nova maneira de pensar, se comportar e se divertir. O fato é que, na juventude, entretanto, trata-se de conduzir

⁴ Maria do Socorro Modesto, entrevistada e integrante ativa daquela juventude e compartilhou várias memórias em algumas entrevistas realizadas em 10 de outubro de 2023

os indivíduos aos valores e rotinas das instituições sociais que transcendem a vida privada e o mundo familiar (Parsons, 1968, apud Groppo, Luís Antônio).

A quebra de padrões e o choque de realidades entre a velha guarda conservadora, fundamentada em valores anteriores ao período político-militar e aos padrões morais da nação, contrastam com a nova geração que aproveitava ao máximo sua liberdade, apesar das limitações culturais presentes na cidade. A grande festa que ocorria em setembro, o “show da rádio”, era um dos poucos eventos marcantes.

Essa geração ficou notabilizada por sua liberdade, embora não fosse uma liberdade inédita para os jovens antecessores. Para os entrevistados, preservar a história da juventude e do próprio bairro é um esforço significativo. O registro de narrativas e análises, como este trabalho, desempenha um papel importante nesse processo.

Entretanto a outras partes que merecem atenção no contexto que são os atos mais fortes realizando por uma parcela masculina desse grupo com sentimento e atos de irmandade os jovens de juntam, por exemplo, para defender um amigo ameaçado ou agredido por outro jovem, que por sua vez, reúne outros amigos para se vingar. Momentaneamente todos desenvolvem o mesmo sentimento e compartilham o mesmo objetivo nesse jogo, a cumplicidade e os elos de amizade vão se tornando mais sólidos, dando origem a uma relação quase fraterna, e o grupo termina por se consolidar. (ANDRADE, 2007).

Com isso podemos dizer que a questão de irmandade e fidelidade é uma ferramenta de união entre os componentes da matilha, os famosos supostos atos fortes são maneiras de associar a má fama desse bando desordeiro que procurava conflito com a ordem pública muitos atos foram relatados, como o suposto uso de drogas, furtos, e grandes palcos de pancadaria.

É uma parcela pequena que se desmembrou do grupo principal acabou trazendo um mal está social devido a essas condutas, são alguns dos lugares que eram conhecidos como “sossegados⁵” ficaram manchados pelo consumo de drogas e esconderijo para os supostos consumo de ilícitos.

O que notado que o progresso a essa situação deu início com consumo de drogas. Relata Maria de Jesus Nunes Modesto que era uma expectadora e parente de um dos envolvidos em uma de suas de suas Lembranças ela afirmar, “que eles os

⁵ Termo usado para definir lugares tranquilos sem alterações de conflitos, lugares que são considerados seguros e bom ambiente social

polícias entraram com tudo na casa da mãe dele procurando coisas de roubos e drogas, encontraram umas roupas de um rapaz que eles arrombaram a casa dele lá em Alto Longá” (MODESTO, 2023)⁶.

Analisar as atitudes e maneiras de um corpo vivo e jovens de uma sub-região de Teresina é marcante dentro da cidade. Essas memórias refletem a nostalgia de alguns e também sentimentos que vão desde arrependimentos até tristeza, pois alguns desses atos tiveram consequências e momentos difíceis.

lembram-nos uma maneira de ser comum ao outro e analisar o conjunto dessas características das memórias é como se desmembrássemos um pensamento para procurar entender seus detalhes e onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos humanos. (RIBEIRO, p. 29).

As memórias que serão tratadas enfatizam como era ser livre e suas consequências. As cautelas por alguns e para o radicalismo de outros. Resgatar esse contexto é inspirador para entender o lugar de valor deles na história da cidade, até porque muitos dos jovens de hoje nasceram nesse período e puderam, assim como eu, viver um pouco disso. O sentimento de pertencimento, nem que seja breve, é importante para enriquecer as memórias e a vida privada de cada um.

2.1 JUVENTUDE E TRANSIÇÃO: CONFLITOS E EXPECTATIVAS

A juventude pode ser definida como um dos estágios que uma pessoa se encontra com várias mudanças as mudanças como as físicas, emocionais e sociais. É o estado entre a infância e a idade adulta onde o indivíduo passa por descoberta, problemas e oportunidades. A juventude é de interesse de muitos estudiosos, como sociólogos e psicólogos interessantes por mais que seja um dos estados complicados da vida. Existem, no entanto, que a juventude também pode ser um tempo difícil para muitos jovens.

Eles podem enfrentar pressões sociais e familiares para se encaixar em determinados padrões ou expectativas. A juventude é uma categoria bem singular que foi ganhando alguns significados ao decorrer das gerações. Com citação da autora neste trecho.

a noção mais geral e usual do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, um período da vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorrem (ABRAMO, p. 1).

⁶ Maria do Socorro Modesto entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2023

A categoria juvenil, jovens são aqueles que têm uma idade que vem da pós-adolescência, assim diz a OMS Organização Mundial da Saúde, delimita que para a pessoa ser jovem tem que ter entre 18 e 29 anos, nos termos técnicos de faixa etária. O professor João de Deus em sua pesquisa de mestrado conceitua a juventude como

Há uma necessidade de definir, conceituar, rotular as coisas, utilizar as palavras e esclarecer o sentido que se quer dar ao utilizar um determinado termo. Assim, para esta pesquisa refiro-me à juventude para delimitar um grupo de pessoas que vivem uma etapa de transição, experimentam o abandono da infância, o deixar de ser criança, e ingressam no caminho para a vida adulta, para tempos de planos sobre constituição de família e ingresso no mundo do trabalho. (RIBEIRO, p. 12).

A juventude se constrói a partir de experiências e influências que giram ao redor dos jovens, buscando revoluções tanto comunitárias quanto pessoais. No entanto, o conceito de juventude vai além da faixa etária habitualmente está definida entre 15 e 29 anos. Essa definição, baseada no senso comum, muitas vezes se limita à aparência física desses indivíduos em transição, estereotipando alguém como “jovem” apenas por parecer mais novo ou velho por ter uma aparência condizente.

Entretanto, a amplitude do sentido de juventude é mais profunda. A partir da puberdade, as mudanças biológicas e morais são evidentes: o corpo se transforma, e a personalidade também. Contudo, ser jovem não se restringe à idade cronológica. Uma pessoa de 29 anos, ultrapassando a referência da OMS, ainda pode se considerar jovem por manter um “espírito jovem”. Essa identificação com a geração juvenil não nega o amadurecimento ou as responsabilidades do mundo adulto, mas desafia a visão conservadora e o controle social sobre o ciclo natural da vida.

Para muitos, a juventude é interminável. O sentimento de ser jovem quebra as correntes da filosofia do domínio, permitindo que alguns integrantes do bando do batalhão se considerem jovens mesmo quando já são considerados “adultos”.

Cada uma das gerações de jovens ficou marcada por atos de grandeza a participação deles, por exemplo, na década de 80 no Brasil nos anos dourados, jovens definidos por uma postura política forte de ambos os lados filhos da ditadura e lutadores pela democracia em Altos Ribeiro cita:

Embora Altos não tenha sido uma cidade envolvida diretamente com a censura militar e o processo de redemocratização, de certo, a música nacional chegou até os altoenses por meio do rádio e da televisão, (RIBEIRO, p. 78).

Eventos políticos marcaram essa década como as diretas que teve em seu corpo ostensivo também composto por jovens universitários que queriam o voto direto e um ponto final no regime militar, isso mostra um fato que Abramo mostra isso em seu trabalho ela argumenta

que os jovens mais politizados que procuravam sair às ruas e mostrar uma vertente social participativa eram jovens de classe média alta e que esses atos de rebeldia eram vistos com bons olhos, diferente dos jovens pobres de áreas periféricas, os jovens de setores de baixa renda são vistos como marginalizados, fora do cenário moderno e como consequência excluídos da própria condição juvenil. (ABRAMO, p, 22).

Logo um pouco à frente, houve o pedido de derrubada da organização juvenil que ficou conhecida como os “caras pintadas”, um dos fatores de pressão social que culminou na queda do presidente Fernando Collor, eleito democraticamente.

Além disso, no âmbito mais urbano e cultural, as décadas de 80 e 90 foram marcadas pela animação e curtição dos jovens em sua vida noturna, com shows em discotecas e shows de rock que traziam em suas letras algumas ideologias de pensamentos que acabaram por influenciar a formação de grupos juvenis com a ideologia anarquista punk e os góticos, quase sempre influenciados por músicas que pregavam filosofias em suas letras e chamavam a atenção desses jovens. Muitos deles buscaram refúgio nesses bandos que

Se juntar em bandos, para criar sentido para a vida juntos, para criar modos de vida juntos, inventar outras formas de agir-pensar juntos. Milhares de bandos, milhões de bandos, cada pessoa se embandando aos montes, fazendo conexões (ASPIS, p. 13).

Na década de 90, ocorreram mudanças significativas tanto no cenário político quanto no social e cultural do Brasil. O país estava se recuperando do período da ditadura cívico-militar, e a instabilidade política afetava a população. Os jovens, em formação e vulneráveis socialmente, enfrentavam suas próprias tempestades nesse contexto.

Os jovens com idades entre 15 e 24 anos apresentavam características marcantes durante essa época. À medida que a infância chegava ao fim, eles começavam a compreender as realidades adultas, como encontrar seu lugar na sociedade, identificar sua classe social e enfrentar os desafios e confortos que cada uma dessas experiências trazia. Cada grupo social dentro de seus círculos de convivência tinha suas particularidades.

Os adultos entrevistados hoje lembram dos anos 90 como um período de diversão e liberdade, especialmente quando comparado às décadas anteriores, como o período militar. A década de 90 foi o fruto da democracia plantada em décadas anteriores.

Os jovens exploravam as liberdades conquistadas de diversas maneiras, participando de atividades noturnas, frequentando danceterias, festas de rock, serestas e bailes de reggae espalhados pelas cidades. Na região nordeste, o ritmo do reggae era especialmente popular. Eles saíam em grupos compostos por amigos da escola e vizinhos do mesmo bairro, fortalecendo os vínculos que os mantinham unidos. A vida noturna dessa geração é lembrada com nostalgia e boas recordações.

O cotidiano dos jovens noventistas girava em torno de diversos núcleos locais, e a necessidade humana de pertencer a grupos estava presente desde os primórdios da humanidade, como nas tribos primitivas e entre os indígenas. A palavra “tribo” representa um agrupamento humano com costumes, leis, ritos e ideologias específicas.

2.2 ENTRE ROTINAS E MEMÓRIAS

Na década de 1990 a juventude na cidade Altos era conhecida por bandos juvenis a cena jovem é evidente em alguns aspectos baseados em moda, religião, gostos musicais, esportes, escola, grupos juninos e grandes grupos de bairro como, as turmas como eram conhecidos popularmente, e lembradas foram a dos bairros são Luiz, Santa Inês, Carrasco, Tranqueira e Ciana, e o batalhão. Todas em regiões periféricas da cidade, cabe notar que o sentimento ao respeito a local territorial, o lugar onde você mora.

Os locais que serão mencionados fazem parte da vida dessas pessoas, é uma extensão delas próprias, as constituem como seres pensantes e atuantes na história da cidade, uma continuidade do passado, revivida no ato de lembrar, falar sobre isso. Os lugares na memória de cada um cristalizam, mesmo que de forma fragmentária ou esfacelada, a história que a cidade tem com cada indivíduo. (RIBEIRO, p. 45).

Falar dessa turma e contar um pouco sobre os locais de sociabilidades, no bairro batalhão continha vários lugares que os jovens poderiam visitar e frequentar como, centro social urbano, campos de futebol nas beiras dos trilhos, pontes que ficavam nos trilhos e a própria estação ferroviária, casas de shows como o

mangueirão, Miguel Cândido e bares como o bar do Zé bedeu, bar do Abel, churrascaria pôr do sol ou acampamentos na mata.

A gente saiu umas 5 horas pelos trilhos arudienos descendo lá pelos negócios de castanha alí todo tempo por cima dos trilhos nos tudim, os meninos tudo alejado tudo caminhando de pé a gente não pegou carona com ninguém não fumo de pé e viemos de pé naquela ladeira das coisas tudim. (Fizemos fogueira encima dos trilhos se vier o trem mata todo mundo) a gente ia no dia que o trem não passava a gente chegou umas 5 horas da tarde as meninas tudo alejada tudo cansada a gente chegou era umas 8 horas em casa. (MODESTO, 2024)⁷.

Esses locais são lembrados como marcantes na juventude de alguns devidos algumas rotinas e acontecimentos como na memória de socorro que conta com entusiasmo como aconteciam os encontros dos acampamentos de escoteiros.

Nos fumo uma vez pra um acampamento dos escoteiros depois da tranqueira entrando por rumo do açude lá nos passamos só um dia a gente levava roupa, leite, comida cada um fazia seus coisas, eu entrava fazia o café, outro fazia o de comer, a gente passava um dia e sai no outro. (MODESTO, 2024)⁸.

Nas memórias acima explica um pouco da rotina e divisão das tarefas dessas saídas para acampar, no momento da entrevista ela se mostrou empolgada com a aventura breve que durou um dia, porém e ainda e clara mesmo depois de décadas.

Na casa da Dona Piedade, organizadora de quadrilha junina no bairro onde maioria dessas pessoas se encontravam em época de São João, os ensaios eram no bairro leite bairro vizinho do batalhão e turma do batalhão incluindo socorro, “saia 4 horas da tarde até 9 horas da noite lá na casa dela e voltava todo mundo junto por cima dos trilhos no escuro” (MODESTO, 2023)⁹. Ao questionar sobre os perigos de voltarem a noite por cima dos trilhos a noite, ela me afirmou que não tinha perigo como existe hoje.

Ao entrevistar outra integrante Enedina ela falou do sentimento da dona da quadrilha no tempo presente, “à Ave Maria que dificilmente encontra alguém do tempo da quadrilha dela, sempre que ela encontra é uma emoção muito grande, ela ainda hoje tá ativa tá viva.” (ALVARES, 2024)¹⁰.

Piedade era das organizadoras da quadrilha que é conhecida como a quadrilha da própria, esses ensaios era só uma das rotinas que eles tinham durante o ano, a entrevistada ainda lembra que eles andavam tranquilos porque naquela época não

⁷ Maria do Socorro Modesto entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2024

⁸ Maria do Socorro Modesto entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2024

⁹ Maria do Socorro Modesto entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2024

¹⁰ Enedina Alvares, entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2024

era comum a violência como existe hoje a reunião de todos eles e um evento que podemos dizer

a prática de se embandar, se juntar em bando, no seu sentido ontológico, atualiza a ideia de que as subjetividades são, de certa forma, grupais, multiplicidades singulares, em movimento, atravessadas entre si e por acontecimentos (ASPIS, p. 11).

Quando reunia um grupo de jovens com um sentimento semelhante de união, percebia-se claramente a nostalgia. Não se tratava apenas da piedade, mas também havia várias outras quadrilhas juninas nas proximidades, como de outros bairros e localidades do interior da cidade. Muitos dos integrantes da quadrilha da Piedade ainda são lembrados por seus papéis, como o padre, a noiva, o noivo e os dançarinos. Ao longo do texto, usarei algumas dessas nomenclaturas para identificar os diferentes participantes.

O carnaval é sempre motivo de lazer e festa em Altos. Os jovens costumam marcar presença no centro, saindo de suas casas com os amigos que moram todos próximos. No carnaval era só de boas brincando tinha o bloco das virgens eles se vestiam de mulher teu pai foi vestido só de mulher com uma blusa minha, uma blusa e um short meu”. (MODESTO, 2023)¹¹.

Na Semana Santa, a rotina era no interior, nas casas de parentes e amigos. As pessoas se divertiam em banhos e pontilhões alagados próximos do bairro. “Nós festejos a gente ia mais era pra se divertir, mas eles vivam mais era nos cabarés da fífia no queimadim”. (MODESTO, 2023)¹².

Além disso, os prostíbulos da cidade eram palco de muitos conflitos entre alguns homens da turma. O alto índice de consumo de bebidas e drogas fazia aflorar os instintos mais primitivos durante as conversas.

A expressão “só viviam no cabaré” acabou contribuindo para a má fama do grupo desordeiro e arruaceiros muitos relatos de brigas pequenas e grandes naquele local fez ainda mais a má fama individual e coletiva do bando se cristalizar. A presença frequente da polícia e de figuras importantes da cidade naquela região fazia daquela região um local bastante movimentado por outras turmas aumentando ainda mais o clima de tensão.

11 Maria do Socorro Modesto entrevista realizada no dia 13 de janeiro de 2023

12 Maria do Socorro Modesto entrevista realizada no dia 13 de janeiro de 2023

Figura 1- Baile da Saudade danceteria o Pedrinho



Figura 1- jovens curtindo baile da saudade em 1998 no Pedrinho

Posso citar aqui os garotos e garotas que eram formados por jovens que foram influenciados pelas músicas.

A presença cada vez mais frequente da Televisão, além das músicas propagadas pelas ondas de rádio acompanhadas de comerciais e anúncios de festas, abrindo um leque de possibilidades para os jovens se enturmarem uns com os outros (RIBEIRO, p. 104).

Grandes grupos de jovens frequentavam bailes em danceterias que tocavam músicas do momento e outras da década de 80 e 90, como podemos ver na (figura 1). Uso de imagens e importante para criar uma ponte entre o contexto geral

Maurício Lissovsky ao sistematizar a reflexão sobre objeto e espaço muito contribui para o avanço metodológico da utilização da imagem como fonte histórica. "O sujeito, quando olha a fotografia, estabelece uma ponte entre aquele momento e o espaço que está na imagem e o momento que ele está vivendo. Como a distribuição dos objetos no espaço não é gratuita, tudo se posiciona no espaço, devendo serem levadas em consideração as relações entre os objetos. A orientação dos corpos também não é gratuita, eles traduzem orientações: linhas de autoridade, de subordinação, de hierarquia, de disciplina (. . .) A explicação espacial da cultura, da política, das relações sociais pode ser percebida" (LISSOVSKY 1983, p. 118 apud KLEIN, 2008, p. 229).

Estabelecer uma conexão com o que está sendo escrito e entender como o passado como cultura e social e criar e recriar emoções, a fotografia como imagem e

necessária para entender objeto de pesquisa. A observação das imagens remete o pesquisador a uma outra problemática, a da interpretação. (KLEIN, p. 300).

A música eletrônica fazia parte desse cotidiano musical, com grandes bailes que exibiam músicas e clipes nos telões desses lugares, inclusive na danceteria Pedrinho Alémda música ao vivo já se era popularmente encontrada em serestas que aconteciam quase todo final de semana nos bairros esse estilo de atividade já ficava bastante popular inclusive com a construção de casas de show exclusivamente destinada para essa modalidade.

As danceterias como o Altos Brilho, o Club da Villany e outras, lembrando entre os entrevistados que era o Pedrinho e a Som Baile, eram palco de grande sociabilidade longe do bairro. Alguns moradores do batalhão participavam desses encontros e o resultado era uma variedade de consequências, como diversão, brigas, rixas e paqueras. Essa última foi o pontapé inicial para vários conflitos entre garotos.

Como o resgate da memória de um dos entrevistados que era frequentador e espectador de vários atritos que aconteceram ali, “a turma do batalhão ninguém podia nem olhar para as meninas dos bairros deles que já fechavam a cara (SOUSA, 2023)¹³. João Neto Ferreira de Sousa como também jovem que participava de muitos desses locais disponíveis recorda com clareza que muitos desses atritos nasciam dentro de festas assim se “resolviam” lá fora e lá dentro.

Figura 2 – Grupo de capoeira abadá.



13 João Neto Ferreira de Sousa que participante de outra turma do seu bairro relata várias ações em lugares de sociabilidade da cidade entrevista realizada em 25 de janeiro de 2023

Figura 2- grupo de capoeira reunido no calçadão no centro de Altos

Outra rotina que marca essa juventude são as práticas de esporte, a capoeira além de bastante popular na cidade, também era praticada no centro social próximo do batalhão devido ao esporte usar o corpo com golpe de luta muitos desses jovens acabam usando essas habilidades como forma de intimidação como na memória abaixo que remete a capoeira para uso nas brigas, o entrevistado falou que “ele” deu só com os pés no fulano e no beltrano dentro de uma churrascaria. Nesse sentido a capoeira era aplicada além de diversão de da própria prática esportiva e cultural

ele lutava na capoeira do quixaba, o quixaba até reclamava com ele, chegava confusão "quixaba rapaz o mane (...) ontem acabou com (...) todim" aí quixaba chamava ele atenção, porque o quixaba ensinava pra defesa não era pra bagunçar (SOUSA, 2024)¹⁴.

Na figura 2 podemos observar muitos dos jovens que faziam parte da turma do batalhão em uma de suas rotinas. Outra prática bastante comum são os encontros com a natureza altos conta com diversos locais de banhos naturais como Açude da Tranqueira, o açude do Romildo, a Santa Luzia a (figura 3) Mostra Alguns dos jovens

A dinâmica sociocultural da vida juvenil expressa, em grande medida, a realidade efetiva das coisas que organizam a vida dos jovens nas culturas vividas no lazer e no tempo livre. É, principalmente, nos tempos livres e nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser. (CAMPOS, p. 2).

A turma saía juntos de bicicleta em direção à zona rural da cidade principalmente nas épocas das chuvas onde os lugares estariam cheios como o córrego da Santa Luzia em Altos, nesses lugares de lazer ao ar livre era uma consolidação das suas identidades pois alguns se sentiam livres ao natural com banhos e brincadeiras com os amigos. Nós ia era muito ia o bastião o padrinho da Sandra ia eu tu era pequeno dona H levava roupa pra lavar lá era muito bom, naquele tempo era bom demais. (MODESTO, 2023)¹⁵.

Além de churrascos, as brincadeiras ao ar livre na água e pequenas sessões de natação eram comuns. O prazer de ir e voltar com as pessoas que gostavam tornava esses momentos ainda mais especiais. Os lagos Romildo e Gavião, ambos grandes, também eram frequentados por eles. O açude da Tranqueira, localizado na

¹⁴ João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada em 25 de janeiro de 2023

¹⁵ Maria do Socorro Modesto entrevista realizada em 27 de janeiro de 2023

zona urbana, e outros locais de banho, como o riacho das Lavradas e os pontilhões, completavam as opções para aproveitar a natureza durante aqueles períodos.

Figura 3 – riacho da santa Luzia



Figura 3 – lazer com jovens no riacho da santa Luzia em Altos-PI

Nesse local de lazer o grupo saía com meninos e meninas indo em direção a esses “banhos” era mais frequente deslocar-se a esses locais nos finais de semana, mas não deixavam de ser frequentados durante o meio da semana. (JUSTINO, p. 37). o grupo do batalhão saía sempre de bicicleta seguindo os trilhos pela ponte do aterro porque era o caminho mais fácil.

Os bares e casas de shows no entorno do batalhão ritualmente frequentados por eles posso citar alguns como o bar do zé bedeu, do Cavalcante e casa de shows como mangueirão e Miguel Cândido e por última churrascaria sol de verão já dentro dos limites do batalhão.

Os jovens (noventistas) teve o seu percentual de marca da história das cidades brasileiras com uma juventude rebelde e cheia de conflitos morais e culturais e a procurar o seu lugar na sociedade. A turma busca inventar formas de agir-pensar de outras maneiras: isto já é sua resistência, afirmação de outros mundos possíveis. (ASPIS, p. 12).

A amizade entre jovens e adolescentes e também é uma maneira de definir o comportamento desse jovem que está em fase de definição de personalidade. a

formação de verdadeiros coletivos de jovens reforça o destaque de se ambientar em um sistema

Esses grupos reúnem-se no tempo de lazer para procurar atividades de diversão; desenvolvem um estilo próprio de vestimenta, carregado de simbolismo elegem elementos privilegiados de consumo, que se tornam também simbólicos em torno dos quais marcam a identidade descritiva (ABRAMO, p. 33).

às vezes a realidade de algumas famílias trazem frustrações para esses futuros adultos, pela falta de políticas públicas e ações diretas para a população pobre que sempre é a mais vulnerável

Alguns desses grupos tratados como violentos como turma juvenis de bairros faziam presentes em festas e pontos de sociabilidades dentro dos seus bairros de suas moradias quase sempre limitado quem não fosse de sua turma, o que vemos até aqui e que temos uma em relação a categorias de agrupamento, alguns são mais aceitáveis, que outros.

isso é uma reflexão, pois cada grupo era composto por jovens de grupos sociais diferentes como a população mais pobre limitada e suprimida e a elite que tudo tinha ao seu alcance e que faziam parte da perpetuação do sistema, que esses grupos delinquentes ou ligados a criminalidade, compostos por jovens das “classes baixas” (ABRAMO, p. 10).

Nota-se que Abramo explica que no contexto social econômico e uma maneira de rotular os jovens, discriminando os jovens pobres que participam de ações delituosas ela afirma que uma juventude da camada pobre é taxada de delinquente e rebelde, no contrário acontece com jovens ricos que pelas mesmas condutas são rotulados de um jovem problemático e não sofrem tanto com as ferramentas de repressão da sociedade.

O clima de paz e tranquilidade era notório em meados dos anos 90 em cidades pequenas como na cidade de Altos as pessoas em sua maioria viviam de forma pacata.

A prática de se sentar na porta de casa no início da noite, era um lazer para as famílias, era hora de montar uma roda para contar histórias. As crianças por sua vez ficavam a escutar, quando não, se envolvia nos jogos de brincadeiras, a mais frequente era de roda, que fazia a animação da criançada. (CARVALHO, 2014, p. 3 apud RIBEIRO, 2020, p. 28).

Observar isso transmite uma sensação de paz e harmonia entre as famílias daquela época, mas a realidade nem sempre era assim. Em locais mais negligenciados pelo poder público, viviam pessoas acostumadas com a criminalidade em seus arredores, muitas delas praticadas por jovens e adultos. As ‘galeras’ das

turmas tinham comportamentos parecidos com algumas milícias, atuando como grupos de segurança do seu território. Alguns desses jovens ficavam em locais estratégicos de acesso ao bairro, como casas abandonadas e ruas com vegetação alta, para monitorar quem entrava e saía, especialmente se alguém de uma turma rival entrasse em seu território

Fora isso, esses bandos saíram em grupo como vemos hoje indo para festa e locais de lazer de predominância jovem na cidade.

o lazer era sadio, algumas festas e tirando alguma turma organizada como da Maravilha¹⁶ e do Carrasco¹⁷, a gente podia ir e vir livremente a qualquer hora do dia ou da noite e o que eles faziam na verdade era apenas proteger as meninas daquele bairro, era proibido namorar menina do bairro se não fosse um cara de lá. (DIAS, 2018, apud RIBEIRO, 2020, p. 25).

esse trecho de memória fala sobre a existência dessas turmas na cidade, sabendo nisso é improvável negar a existência delas e mais outras arruaças que aconteciam por meio deles, não limitando as práticas de custódia amorosa.

Com o tempo, essas práticas foram se transformando em condutas mais fortes, incluindo o uso de substâncias ilícitas. Isso acabou abrindo portas para que alguns indivíduos desses grupos se tornassem mais organizados e exercessem uma influência arruaceira na rotina da cidade, algo que faz parte do senso comum coletivo. É incontável a quantidade de memórias que são evocadas quando se fala desses jovens arruaceiros, cada um com sua própria perspectiva.

16 Maravilha bairro distante do centro da cidade pouco visitado pela turma do Batalhão

17 Bairro vizinho ao Leite e o Batalhão

3. JUVENTUDE REBELDE: UMA FORMA DE CONTESTAÇÃO

“A juventude é a época de se rebelar contra a injustiça, não de seguir cegamente as regras. ”

Malala Yousafzai

A juventude em estado de rebeldia é um fenômeno que tem sido observado em muitas culturas e épocas diferentes. É caracterizada por jovens que desafiam as normas e expectativas sociais, muitas vezes em busca de liberdade, justiça e igualdade. A juventude rebelde pode ser vista como uma forma de resistência contra a opressão e a injustiça, desigualdade ou como uma forma de expressão criativa e individualidade.

O que leva um indivíduo a realizar uma ação considerada rebelde? Segundo:

trata-se de uma essencialmente externa e independente dos atores adolescentes, podendo ser internalizada e reproduzida por eles ou não. Mesmo que não internalizem valores de rebeldia, ao adotar comportamentos que revelem intenções de afirmar a própria autonomia, experimentar o que é restrito aos adultos ou questionar reflexivamente padrões sociais, os adolescentes acabam reconhecidos como rebeldes. (ROSSI, p. 12).

Apensar dos próprios ditos rebeldes eles não se classificam como tais, essas ações são comportamentos de afirmação dentro do meio social, como usar o que é proibido a eles, durante as entrevistas eu notei que o uso de bebida e cigarro, algo restrito aos adultos, eram recorrentes as afirmações dessas práticas. Para deixar mais claro e tomar como exemplo o estilo Bad boys, muito popular nos anos 90, eram associados a rebeldia e desordem social resultando com Desafios com a polícia.

Para entendermos sobre essa dinâmica temos que entender como se configura uma galera de jovens principalmente a machista.

O cultural do ser humano e se concentrar em grupos, tribos, gangues e em sociedades muito dessas variedades de agrupamento tem uma base comum a masculinidade e a violência em toda a história da violência, esta era uma prática predominantemente masculina, pois os homens manifestavam fortemente sua virilidade com maior expressão entre a “idade dos 20 aos 29” (MUCHEMBLED, 2012, p. 7).

Os ideais ancestrais de comportamento permaneciam vivos e firmes mesmo durante esse período de transição. O mundo já possuía um ordenamento civilizatório que não mais tolerava tais ações dos jovens sem as devidas consequências impostas pelos controles sociais. As infrações cometidas por esses jovens foram claramente

definidas no Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como no direito penal aplicável aos maiores de 18 anos. Diante desse quadro jurídico, as famílias buscavam medidas para tratar esses jovens, tentando controlar ou dissipar a cultura rebelde que se manifestava

Em alguns casos mais extremos, o comportamento violento e destrutivo era combatido. Uma dessas medidas era o internato, que por muitos pais era usado como castigo, por essas escolas terem um regime mais forte, como a disciplina a moldes militares e escolas religiosas com condutas parecidas. E, por fim, a ferramenta do estado que está entre todas as mais fortes era a detenção.

Essas medidas buscavam a cura ou a tentativa de normalidade social desse jovem “transgressor”.

De acordo com estudos que inclinam sobre o tema, os jovens infratores deveriam estar lotados em ambientes socioeducativos, com a necessidade de saneamento das patologias e para a busca de reintegração desses jovens nos padrões de normalidade (ABRAMO, p. 16).

Medidas extremas como em meados dos anos 90 tinham jovens adolescentes em situação de risco social em sua composição, população de bairros pobres, jovens com uma estrutura familiar frágil e pouca escolaridade, esses poderiam ser fatores determinantes de tal conduta.

É inevitável e clara a forma de andar em grupo, e uma necessidade básica social do ser humano, desde o início dos tempos os homens se organizam em grupos, essa formação tem várias limitações e características como por exemplo a localização, pessoas que moram no mesmo bairro criam uma identidade com seu “território”. Como cita LÓPEZ, (1940, p. 30). “de um lado temos a posição que o grupo crê que esse indivíduo merece e ocupa em seu seio, de outro, temos que ele mesmo crê ocupar e merecer”.

Com esse princípio temos as primeiras impressões de como se torna um ato exclusão social, brevemente o um grupo de pessoas vai além do território onde vivem, essa formação vai se configurando além de ideologias, gostos musicais, moda, religião e rotinas de vida como trabalho, escola e esporte, por fim os estilos de diversão.

Esses grupos reúnem-se no tempo de lazer para procurar atividades de diversão; desenvolvem um estilo próprio de vestimenta, carregado de simbolismo elegem elementos privilegiados de consumo, que se tornam também simbólicos em torno dos quais marcam a identidade descritiva (ABRAMO, p. 33).

a maneira de como o ser jovem mostrava que estava ali, incluído na sociedade aceitável moral e os excluídos dos padrões dela, com esse contorno de exclusão os moldes da rebeldia jovem em busca de luta contra o sistema.

A juventude crítica dessa sociedade, vai buscando abrigo dentro desses sistemas de os jovens se sentem acolhidos por esses abusos sociais onde eles não têm vez. uma subcultura Um sistema próprio de valores e padrões de comportamento como repúdio explícito e generalizado aos valores dominantes (ABRAMO, p. 16).

3.1 “REBELDIA” E “DELIQUÊNCIA” UM OLHAR SOBRE OUTRAS “TURMA DE BAIRROS”

O próprio bairro tinha o seu destaque por conta de seus símbolos. O bairro batalhão, para falar um pouco sobre o bairro ele situasse entorno da estação ferroviária, que é um ponto de referência que marca a história do lugar. Ao lado da estação, havia uma vila com casas sobre o mesmo padrão de construção que servia de moradia para os funcionários do exército (BEC) que trabalhavam na linha de ferro. O bairro já tinha seus aspectos de urbanidade, com grandes comércios localizados à beira da linha, o que demonstra uma ligação a modernidade e vida social local.

morei no bairro Batalhão de 1973 a 1990 e cresci vendo a velha estação ferroviária efervescente com a chegada e a partida dos trens de passageiros para Fortaleza e Parnaíba. Ali era um sonho! Uma vida! A felicidade! Hoje eu chorei, distante 2100 quilômetros da minha terra, o descaso e a tristeza de ver a 'estação ebúnea do meu sonho' transformada num lugar onde rojam-se cobras. Adeus minha Altos" (MOREIRA, 2007).

As memórias dos moradores mais antigos do bairro evidenciam que a linha férrea foi fundamental para o desenvolvimento da região. A concepção de território, entendida como um local de moradia, transcende a mera existência de casas e edifícios comerciais, configurando-se em uma noção mais ampla de bairro, conforme aponta Bezerra (2011, p. 22). As diversas definições de 'bairro' podem se adaptar de maneira a acatar as múltiplas interpretações relacionadas a essa unidade espacial.

Essa abordagem de compreender as realidades urbanas por meio de definições estritamente técnicas e administrativas nos leva a questionar se há algo mais além do que é apresentado. O que define um bairro, afinal? Conforme Bezerra discorre em sua pesquisa, um bairro não deve ser visto apenas como uma área delimitada para fins administrativos de seus moradores. Ele representa uma organização do espaço que reflete a diversidade social de uma cidade. Bezerra (2011, p. 27). Destaca essa complexidade ao analisar a essência dos bairros.

O que realmente confere identidade a um bairro são as histórias e as vivências de seus moradores, os eventos que os marcam e as memórias e até as revoltas que marcaram a trajetória de vida da comunidade, seja por avanços significativos na estrutura ou por desafios como segurança ou saneamento etc. O bairro dessa análise encontra-se atualmente plenamente urbanizado com luzes nos postes com um regular policiamento além dos serviços básicos essenciais, tais como fornecimento de água potável, energia elétrica e acesso à internet.

O bairro batalhão estabelece limites com outros bairros que ficam localizados assim como ele mais distantes do centro urbano da cidade, esses bairros vizinhos exercem uma influência marcante na formação dos grupos sociais e nas rotinas diárias dos moradores. Apesar de ser menor em limites em comparação com os bairros vizinhos, este o batalhão se destaca por suas características marcantes e pontos de referência clássicos, como foi citado anteriormente acima.

Porém, o mais importante era o conteúdo humano. Os moradores mais antigos do bairro deixaram sua marca, mesmo que de forma indireta, para a formação da cultura local e para seus descendentes que ocupariam o mesmo espaço no presente e no futuro.

um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI 1979, p. 139).

Bosi defende que as memórias dos mais velhos são essenciais para construir uma narrativa rica dos rituais cotidianos e das transformações espaciais e culturais. De fato, o conceito de localidade, quando alinhado à dinâmica das turmas do bairro Batalhão, ganha sentido apenas em conjunto. A noção de território relacionada às turmas se estende para além dos limites do bairro, que por sua vez está inserido no município, a unidade administrativa que regula as condições locais. Assim, forma-se um grande círculo de interações onde tudo se interconecta.

A história desses moradores por meio da história oral onde a narrativa dessas pessoas significa, ato de guardar e praticar a exercício de relembrar os fatos contribui de maneira enorme para entendimento e a compreensão das sociedades e suas

conjecturas (SOUSA, p. 38). Fazendo uma reflexão de como era suas vidas nesse período e em um determinado lugar sabendo que essa investigação e reflexão do material vai trazer uma análise somatória a história local.

A ‘turma do batalhão’, com suas práticas de lazer mais radicais e audaciosas, muitas vezes à margem do comportamento considerado padrão, causou perturbações para alguns moradores devido ao seu comportamento conflituoso. No entanto, em um contexto juvenil maior, eles não eram os únicos a serem conhecidos por essa reputação. É reconhecido que a perturbação da ordem pública era um fenômeno rotineiro em diversos locais e manifestava-se de diferentes formas.

Na década de 80, a cidade de Altos experimentava uma transformação demográfica e um avanço urbanístico de forma gradual, porém lento. A elite local, em busca de qualidade de vida e seletividade, escolhia para moradia as áreas mais valorizadas e bem estruturadas dentro do aspecto urbano. Em contra partida, uma parte considerável da população era isolada às periferias, regiões desprotegidas e ignoradas pelo poder público. Esses bairros mais afastados acabaram sendo rotulados como ‘evitáveis’, adquirindo uma reputação de insegurança. Tal estigma era reforçado pela ausência de infraestrutura básica, como iluminação pública insuficiente e escassa vigilância policial, contribuindo para uma sensação acentuada de vulnerabilidade. Essa percepção de risco não se restringia apenas às dinâmicas sociais das ‘turmas’ locais, mas era uma realidade que afetava o cotidiano de todos os moradores.

Entretanto o destaque de atos de delinquência e terror na cidade viria a ser de um grupo formado por pessoas de dentro a elite da cidade como cita:

ninguém podia dizer ou fazer absolutamente nada. O melhor era cerrar as portas e tapar os ouvidos para não ouvir as asneiras que eram ditas e as músicas extremamente desafinadas que eles cantavam, depois de atordoados pela maconha e pelo álcool. o delegado recebia muitas reclamações, mas não tinha nenhum poder para investigar contra os perturbadores da ordem pública. (RODRIGUES. 2004, p. 21).

O trecho acima evidencia que a violência não se restringia apenas às áreas consideradas de risco ou às regiões mais pobres da cidade. Ela também era praticada e muitas vezes ocultada em bairros mais abastados, sob a justificativa de que os perpetradores provinham de condições sociais mais favorecidas. A atuação da polícia local mostrava-se ineficaz, em parte devido à proteção oferecida pelas autoridades locais aos seus próprios descendentes. Esse sistema de impunidade permitiu que

esse grupo fosse associado a diversas ações violentas, incluindo espancamentos e perseguições (conhecidas localmente como ‘carreiras’) contra casais de namorados e idosos, conforme relata Felix.

suas práticas continuaram por algum tempo e só teria acabado após um cruel assassinato atribuído a eles e que teria ocorrido nas mediações do bairro tranqueira ao que dizem, após o homicídio, os jovens teriam levado o corpo da vítima para a BR 343 e lá teriam passado várias vezes com o carro sobre o cadáver a fim de simular um atropelamento. (FÉLIX, 2014, p. 45).

Como toda cidade em expansão a cidade de Altos também enfrentava o aumento de infrações de acordo com os boletins de ocorrências e com as falas de alguns entrevistados a presença de ações de perturbações da paz. É importante destacar que atos de conduta consideradas delinquentes e infrações eram comuns tanto no centro da cidade quanto nos arredores nos bairros periféricos e na zona rural.

Altos contava com vários bairros distantes do centro como DNR, bacurizeiro I e II, São Luís, Tranqueira, Carrasco, Maravilha, Santo Antônio, Ciana, Leite, Triângulo, Santa Inês entre outros, esses bairros também continha uma juventude e conseqüentemente as suas sociabilidades assim como no Batalhão.

Nos fumo foi deixar o M lá na casa do finado chico Furtado, que ele queria entrar no são Luís só porque era rico, irmão da Marinete dono daquele posto foi fumo deixa ele na casa do Chico furtado de baixo de facão. O M tinha medo quando ele namorava com a filha da dona Neusa ele pedia permissão. (SOUSA, 2024)¹⁸.

Meu entrevistado, que era membro de uma dessas turmas, compartilhou detalhes sobre as rotinas do seu grupo. Como Toni Rodrigues descreveu, era uma mistura de loucura e diversão. O bairro DNR está situado às margens da BR 343, sendo o Posto da Carmelita um marco conhecido da região. Ele revelou que o grupo era exclusivamente masculino e explicou como controlavam o acesso ao bairro, descrevendo as brigas e duelos com quem não era reconhecido como parte da comunidade ou com figuras consideradas estranhas. Essas práticas de territorialidade eram semelhantes às adotadas por outras turmas.

A memória acima revela um pouco das práticas dessas matilhas pela cidade, como as emboscadas em pessoas desavisadas. É notável que, além do bairro Batalhão, outras turmas adotavam o conceito de ‘custódia amorosa’ em suas regiões. É importante observar que essas atitudes frequentemente serviam como estopim para

Figura 4- Mapa com bairros de Altos

18 João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2024

conflitos e brigas em festas, bares, campos de futebol nos bairros e becos escuros pela cidade

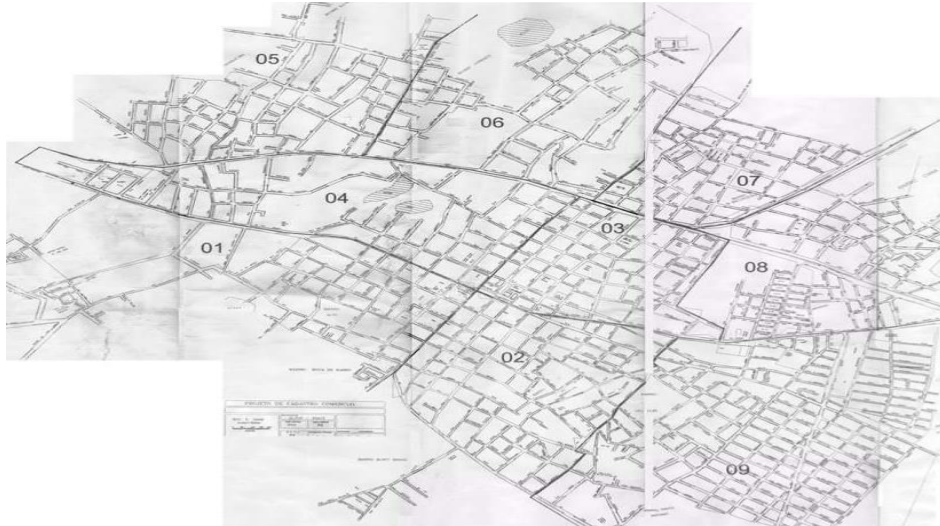


Figura 2- Mapa do Município de Altos: Fonte: Arquivo do Juizado Especial Cível e Criminal de Altos - Projeto de Cadastro Comercial. Ano de Produção do Mapa: 2001.

O mapa apresentado refere-se à cidade de Altos no ano de 2001 e destaca as seguintes regiões e seus respectivos bairros: região 07, que inclui Batalhão, Bacurizeiro I e II; região 08, DNR; região 09, São Luís e Santa Inês; região 02, Maravilha e Santo Antônio; região 06, Leite e Carrasco; e as regiões 05 e 04, Tranqueira. A região 01 abrange os Baixões de São José, dos Paiva e Boca de Barro. Por fim, a região 03 corresponde ao Centro da cidade. Altos é atravessada pela BR 343 e, em sua outra metade, pela linha férrea.

O DNR é um bairro que faz limite com o São Luís que por conveniência tinha aliança com a turma de lá, “só tinha uma turma que se aliou com nós era a do São Luís porque era só uma área só” (SOUSA, 2024)¹⁹. Assim como a Maravilha com Santo Antônio, Bacurizeiro I e II, Ciana, Tranqueira, Santa Inês sozinha.

O T era da turma da tranqueira, nós não conhecíamos o totó não.. nós marquemos uma briga com ele, lá no manteiga, no manteiga tinha uns pés de manga pro outro lado na torre da claro (...) Aí nós se atrepamos tudo nos pés de manga, ficamos tudo atrepados porque a briga era de baixo dos pés de manga no escuro. Aí quando chegou o totó chegou com a turma dele, aí nós pulamos no chão aí, aí nós pulamos no chão, o Paulim comeu pano de facão nele, aí o T se acocou e disse "o não me mate não rapaz eu sou um negro trabalhador". (SOUSA, 2024)²⁰.

19 João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2024

20 João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2024

Bem como o local de moradia era importante para criar conexões. Uma vez que esse jovem morador saísse e fosse morar em outro bairro, ele faria parte dessa nova comunidade. “Aí foi indo, foi indo, aí ele se envolveu conosco. Quando nós marcamos outra briga na tranqueira, ele já estava do nosso lado, já estava morando aqui.” (SOUSA, 2024)²¹.

Assim como, agora o finado M, o Nego, era respeitado. Meu fi, o Nego M, cambota veio lá do batalhão e passou para o nosso lado. A mãe dele veio morar ali no DNR. (SOUSA, 2024)²². Essas atividades faziam parte de uma realidade entre alguns jovens desses bairros principalmente por falta estrutura de inclusão social, e nessa matilha eles encontravam acolhimento.

que constituem fortes laços de solidariedade, pautada principalmente nos sentimentos de fraternidade, lealdade e fidelidade, na motivação de responder pelo coletivo. Permanentemente dispostos a “brigar uns pelos outros”, os jovens se dizem parte de uma “família”, utilizando uma categoria típica do domínio privado para definir um espaço de segurança e confiabilidade, assegurado num ambiente imprevisível e hostil, como a rua. (ANDRADE, 2007).

Entretanto, com esses jovens, não apenas em rebeldia, mas sim no desejo de se tornar importante, ter domínio e sentir-se parte de uma irmandade busca-se ser o ‘respeitado’ ou os ‘respeitados’ dentro de seus bairros ou grupos. Isso ocorre especialmente após serem desmembrados de uma tribo, formando assim um bando de convivência dentro de seu bairro.

3.2 O DECLÍNIO: BOAS AMIZADES SE DESFAZEM.

O código de postura do município que entrou em vigor em 17/12/1993 mostra as normas sociais e morais que deveriam ser seguidas a população sobre pena de multa, esses são os reguladores da vida social, capazes de normatizar comportamentos, ou seja, aquilo que a vida tem de aleatório, estabelecendo uma regularidade (VICENTE, p. 7).

Os jovens da cidade tinham em mente que não poderiam extrapolar seus ânimos em certos horários os dias ou em proximidades de estabelecimentos, como por exemplo no título III no capítulo I da polícia de costumes, segurança e ordem

21 João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2024

22 João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2024

pública, da moralidade e do sossego público no art. 63 que expressava o excesso de barulho devido ao divertimento congênere.

Essa expressão do poder estatal conservador foi instaurada em nossa contemporaneidade para regular e destituir de sentido o caráter dinâmico produzido pelas posturas subversivas, convertendo-as a meros estereótipos, padrões de subjetividades predeterminadas. (SOUZA, p. 162).

a memória do senhor Neto fala bem disso quando ele diz. Lembro de uma briga muito grande no do branco que o finado líder estava no meio junto com o vice-líder e o soldado (SOUSA, 2023)²³.

As identidades são ocultadas neste relato para preservar os envolvidos, dada a carga de angústia, tristeza, sofrimento e vergonha associada aos eventos descritos. Utilizarei termos genéricos como ‘soldado’, ‘líder’, ‘vice-líder’, ‘padre’, ‘noivo’, ou as iniciais dos nomes para referência. O líder, lembrado por Neto, foi vítima fatal de conflitos com outros grupos e envolvimento com substâncias ilícitas. Uma fração desses jovens, conhecida por atitudes delituosas, transgredia não só o código de conduta interno, mas também as leis penais da época.

O líder, além de seu status, proporcionava uma sensação de segurança ao grupo, especialmente em meio a tensões com outras turmas. É importante notar que muitos desses jovens tinham inspirações comuns como trabalhar, sustentar a família, ter filhos e construir uma vida estável; contudo, eram frequentemente lembrados pelas más companhias que mantinham.

A juventude é um período de formação e, diante das falhas do Estado em prover oportunidades iguais e qualidade de vida, somado à vulnerabilidade social de algumas famílias, esses jovens encontraram-se imersos em conflitos e vícios como o álcool e drogas. Essa situação foi exacerbada pela má reputação institucional e pela perseguição estatal, agravando ainda mais as adversidades enfrentadas por essa geração.

Era o P e P, não têm ali o triângulo que passa pra outro lado que tem a linha do trem pra Parnaíba vinha vindo a viatura aí o C vinha vindo aí o P o que tu tá fazendo o que tu tá fazendo aí rapaz onde tu vem, rapaz não tô fazendo nada não tô vindo da casa dos meus amigos aí tacou o cabo da arma no C e quebrou isso aqui dele (mandíbula) ele usava até platina do nada querendo se aparecer aí o C fez a cirurgia. (MODESTO, 2023)²⁴.

23 João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2024

24 Maria do Socorro Modesto entrevista realizada em 27 de janeiro de 2023

Esses fragmentos de memória mostra a perseguição do estado talvez pelo apenas o conhecimento de má fama do bando, e importante pontuar que pelo suposto uso de ilícitos já era motivo o suficiente para tal peso da mão do Estado.

Nota-se e que essas matilhas e no geral essas juventudes têm um período de auge, mas é na década de 90 foram muitos encontros e desencontros pois alguns desses jovens tiveram que enfrentar os desafios da vida adulta, como trabalhar, “terminar os estudos” e maternidade, paternidade e busca de emprego e devido alguns conflitos o óbito.

“A turma do DNR morreu muita gente, morreu o finado M, morreu o finado Antônio preto, fi do finado Juraci. (Tudo era valente?) Era nossa turma. Finado Ribamar irmão da finada graça” (SOUSA, 2024)²⁵. Essas atitudes de rebeldia exclusiva dos bandos de lobos tiveram consequências duras para essa juventude a memória acima e declarada com o sentimento de tristeza pelo entrevistado o tom de voz baixou e ele se mostrou melancólico, com as perdas.

Assim como as palavras de enedina²⁶ que diz que apensar de alguns terem seguido a vida adulta outros infelizmente faleceram, “Os meninos da dona Lídia, Núbia que casou com o Manoel lá do leite, o irmão dela o dê o que participou também que morreu o finado Naldo que era dançarino”. Outra memória explica que muitos foram embora para São Paulo e outros com o tempo devido a alguns vícios acabaram falecendo trazendo muitas dores a seus amigos e familiares do batalhão

Jesinha tá pra são Paulo o menino morreu o Ronaldo da dona Lídia o C foi que mataram lá no céu na terra mataram de faca bem na entrada furaram ele por trás pegaram ele a traição. Tinha o finado ureia que era o padre da quadrilha da piedade ele morava na frente do bar do Zé bedeu. Irmão do ureia foi encontrado morto no pontilhão. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2023)²⁷.

Essas consequências de acordo com as falas foram por conta de atos de violência sofridos e rixas e uso de ilícitos, como as mortes mencionadas anteriormente. Esses eventos tiveram um grande impacto no bairro e na cidade, especialmente o violento homicídio atribuído a um dos jovens da “matilha”. O entrevistado afirmar isso.

Agora aquele noiado foi rei lá (...) foi o que matou o menino com o guarda chuva lá na som baile, (...) nós tava lá no dia lá, com o guarda chuva mermo foi a mulher ia passando a na briga ele tomou da mulher parece que ia pra igreja com o guarda chuva metido no braço o guarda chuva fechado em. A

25 João Neto Ferreira de Sousa entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2024

26 Enedina Alvares, entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2024

27 Entrevista realizada em 8 de novembro de 2023 no bairro batalhão próximo ao CETI Rama Boa

mulher ia passando com o guarda chuva metido no braço a mulher parece que ia pra igreja dos crentes ali perto da som baile, aí ele avançou e meteu no caboco pela frente e saiu nas costas ficou efiado o guarda chuva da mulher. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2024)²⁸.

O ato atribuído a esse jovem trouxe uma conotação negativa para todo o grupo, já que ele era membro da ‘turma’. Além disso, é possível que o incidente tenha sido motivado por desavenças com outras turmas, considerando que a vítima era um jovem morador do bairro Maravilha e membro do respectivo grupo. O trágico evento ocorreu em um salão de festas da cidade, local bastante frequentado e popular entre os jovens e adultos naquela época.

A análise dos processos criminais relacionados ao bando revela-se comparável à combinação de ‘fogo e gasolina’, dada a intensidade e a complexidade dos fatos. Os registros judiciais são explícitos quanto aos acontecimentos e oferecem uma riqueza de detalhes para as narrativas. Como mencionado por Souza:

Os historiadores que lançam mão da documentação criminal concordam que a partir do discurso construído pelas instâncias judiciais, mesmo de maneira escusa e deturpada, seria possível desemaranhar do novelo da linguagem técnica e do discurso constritor, que é próprio da Justiça, tensões, atitudes, visões de mundo, experiências – enfim um conjunto de atributos culturais – dos atores sociais enredados no processo judicial e que culminaram na inauguração daquele ato formal. Além disso, acedem que da mesma documentação podem manar valores, regularidades e comportamentos (SOUZA, p. 162).

O comportamento que alguns deles, que foram verificados em alguns processos, mostra a variedade de narrativas de vítima/acusação, perseguição do estado e o uso de ilícitos.

Como a tentativa de vitimar um dos lobos por um policial em um prostíbulo daquela zona, o “fulano” foi vítima de golpes de arma branca por um agente do estado, causando sérios danos a ele. Talvez pela má fama ou simplesmente pelo abuso de sua autoridade ou uma certa “inflamação” pelas bebidas alcoólicas. O fato é que o agente respondeu por isso judicialmente e, talvez por ironia do destino, o mesmo foi brutalmente assassinado após morte de um jovem alguns anos mais tarde.

em depoimento prestado a esse DP, o elemento (...), afirmou que conversou com elemento (...), já bastante conhecido da polícia, onde ele afirmou que havia feito o furto cuja queixa fora registrada nesta DP. (...) e (...) que os aparelhos foram colocados em matagal, porem ao retornarem para pega-los, os mesmos não mais se encontravam onde haviam deixado. (DEPARTAMENTO DE POLÍCIA, Relatório de Ocorrência de Furto. Certidão de ocorrência, nº 07/97, 1997).

28 Entrevista realizada em 8 de novembro de 2023 no bairro batalhão próximo ao CETI Rama Boa

O relatório policial mostra um furto atribuído a um dos lobos que era considerado o líder. Posteriormente, em conversas, notei que muitos desses furtos foram atribuídos a alguns membros da matilha. Como mencionado no fragmento, o suspeito já era bastante conhecido pela polícia.

A perseguição policial e a veracidade dessas ações são questões que merecem análise. Outro fato criminoso, um homicídio, trouxe consigo uma consequência assustadora. Quando um deles havia sido considerado um dos executores de um jovem de outro bairro bastante conhecido, a situação se tornou ainda mais complexa. No momento de sua morte no hospital público, ele afirmava que quem o teria alvejado era um dos ‘lobos do bando’. Com essas palavras, foi como jogar gasolina na chama da força policial e jurídica da cidade, que já tinha na mira seus alvos.

Devido a esses fatos existe uma ambiguidade sobre o final e total desmanche da matilha pois alguns integrantes foram embora para outros estados e alguns foram a óbitos dentro da cidade e fora, em sua relevância por assassinato, o “líder” que seguindo os traços de suas supostas ações e suas atividades teve um final violento. Ele passou quase dois meses ou três meses pra são Paulo aí ele voltou, ele veio só pra morrer, (INFORMAÇÃO VERBAL, 2023)²⁹.

Foi morto por homens em um carro preto e logo o imaginário na região se aculturou com essa ação pois homens do carro preto mataram um rapaz no batalhão. Toda tarde eu ia pra casa da D e só vinha de noite e vinha me seguindo de longe aí eu voltava e via ele parado na esquina da casa da M aí pronto aí seguia. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2023)³⁰.

O processo deixa claro essa ação, mas novamente devemos notar a frase “bastante conhecida pela polícia”. Até então, o processo criminal não pode ser encarado como uma peça monolítica. Assim, cada um dos elementos presentes deve ser abordado com um cuidado singular e essencial (SOUZA, p. 168). O uso do processo criminal para buscar informações e analisar os eventos é o objetivo principal desse tipo de processo, porém não deixa de conter entrelinhas, isso não indicar culpabilidade do suposto autor de um crime, mais os indicadores e o histórico policial e “ficha suja” no cartório foram importantes para esse fim.

29 Entrevista realizada em 8 de novembro de 2023 no bairro batalhão próximo ao CETI Rama Boa

30 Entrevista realizada em 8 de novembro de 2023 no bairro batalhão próximo ao CETI Rama Boa

O que realmente merece atenção é que o uso de substâncias ilícitas e outros vícios representa uma conduta que leva à degradação social e diminui a expectativa de inclusão. Durante minha pesquisa, notei que esses indivíduos tinham sonhos de viver bem e de maneira aceitável. Talvez, na vida adulta, alguns pudessem abandonar seus vícios e a má reputação associada a eles. Afinal, mesmo na vida adulta, alguns remanescentes ainda tentam limpar seu histórico social manchado e esperam ser esquecidos, talvez com a esperança de recomeçar e se esconder dos olhares que os julgam pelo passado.

Alguns criaram raízes, enquanto outros migraram para São Paulo e outros estados. Os remanescentes carregaram consigo os problemas que culminaram em um final trágico para o líder do grupo. Ainda há aqueles que continuam tentando se adaptar, mesmo na idade adulta. O grupo se desfez, e com ele restaram memórias que, deixo claro, não são desejadas nem devem ser lembradas, pois trazem dor e negação, especialmente para os mais próximos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que o momento da transição da infância e adolescência para a juventude é influenciada pelas amizades e costumes, sejam elas boas ou ruins. Por outro lado, o fato de que a tribo de jovens do batalhão dos anos 1990 ainda moram na mesma região, com seus filhos e netos, mostra que suas raízes permanecem firmes e fortes. Eles trazem consigo a nostalgia de um tempo que não retornara, mas apesar das mudanças do futuro, as experiências do passado não foram esquecidas. Refiro-me a essa juventude saudável, acostumada com brincadeiras inocentes e uma vida sem muita hostilidade.

Por outro lado, revisitar e analisar memórias e arquivos públicos sobre as ações atribuídas à ‘matilha de lobos’, os ‘bad boys’, traz à tona lembranças dolorosas para os moradores. Esses jovens conhecidos como os perigosos são conectados a prejuízos não apenas para si mesmos, mas também para suas famílias, devido às “más influências” que ultrapassavam os limites das escolas e desafiavam as leis e a ordem estabelecida pela sociedade dominante.

Sem dúvida, o uso de substâncias lícitas e ilícitas foi o ponto de partida para uma série de consequências calamitosas que resultaram na morte de alguns e deixaram uma mancha que foi difícil de apagar e em outros casos nunca se apagou para essa juventude, além de uma ferida ainda aberta nas famílias. Essas histórias e memórias sempre me mantiveram alerta e despertaram minha curiosidade para compreender a situação. Com esta pesquisa, finalmente pude entender o surgimento, o desenvolvimento e o declínio dessa juventude que, para alguns, teve um fim trágico, mas para outros continua sendo uma luta sem fim.

As ruínas das casas, fotografias velhas e páginas amarelas com suas letras de máquinas de escrever, assinaturas e testemunhos me fizeram entender por que talvez nunca me tenham contado a fundo as verdadeiras causas de tanta ausência de informações importantes para mim, como curioso, não conseguir entender, talvez o terror por trás do caos dentro de um pequeno bairro suburbano de Altos.

O bairro permanece, com seus locais de lazer e trilhos transformados em calçadas para proteger as casas dos moradores. Esses mesmos lugares, ruas, esquinas e postes de luz, após conhecer e reviver os acontecimentos, são vistos sob uma nova perspectiva que oscila entre alegria e animação e, ao mesmo tempo, raiva e luto, com sangue nas memórias daqueles que ainda não conseguiram esquecer.

Esta pesquisa revela como as histórias das ‘galeras’ e das ‘turmas’ do batalhão estão interligadas, abrindo espaço para reflexão sobre as narrativas que se posicionam contra ou a favor de seus benfeitores e malfeitores sociais dentro de um contexto histórico. As lições aprendidas aqui lançam um olhar para o futuro de novas iniciativas acadêmicas na cidade e nos bairros suburbanos e periféricos. É fundamental reconhecer a importância desse olhar para a formação da subjetividade dessa juventude fora do círculo tradicional de pesquisa. Espera-se que este trabalho seja o ponto de partida para futuras pesquisas nessa área e traga à tona as histórias dos esquecidos para novas reflexões.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, Emilio Mira Y. **Patogenia da delinquência juvenil**. Disponível em: <https://andi.org.br/dicasparacobertura/qual-a-diferenca-entre-adolescente-e-jovem/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

RECID. **Juventude: anos 80, anos 2000**. Disponível em: <https://recid.redelivre.org.br/2007/05/02/juventude-anos-80-anos-2000/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BRASIL ESCOLA. **Estilo punk. Uma breve história do estilo punk**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/estilo-punk.htm>. Acesso em: 9 nov. 2022.

RIBEIRO, João de Deus. **Nossa cidade era muito grande e tão pequena: sociabilidade e consumo musical**. Teresina, 2020.

PIMENTA, Melissa de Mattos. **“Ser jovem” e “ser adulto”: identidades, representações e trajetórias**. São Paulo, 2007.

GUIMARÃES, Gisele Garcia; GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade**.

RODRIGUES, Toni. **Histórias policiais & memórias ocultas**. Teresina: Corisco, 2004.

FÉLIX, Francisco Rubens Visgueira. **O corpo a troco da dignidade (1970-1990)**, Campo Maior, 2011.

REGO, Isabela; LIMA, Nilsângela. **Chacina da Meruoca e sua representação no discurso da TV Antena 10: reflexões sobre atualidade no discurso jornalístico**.

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

VICENTE, Marcos Felipe. **O Código de Posturas como instrumento de controle social: reflexões sobre o Código da Vila de Guarany (1898)**. Revista de História Regional, v. 18, n. 2, p. 1-23, 2013.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018

ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. **Pensando a fotografia como fonte histórica**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 229-249, 1987

AMPOS, Emerson Araújo de; COUTO, Ana Cláudia Porfírio; BARROS, Clara Faria e; REZENDE, Fábio Henrique França. **Lazer, Juventude e Violência: Uma Análise da Literatura Vigente**. Movimento, Porto Alegre, v. 27, 2021

ILVA, Heitor Matos da. **É que nossos corações preferem a auto-corrosão: uma história de vivências anarcopunks em Teresina (1980-2000)**.

ROSSI, Túlio Cunha. **O Estereótipo da Rebeldia na Adolescência: Uma Abordagem Sociológica**

Andrade, C. C. (2007). **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília - UnB, Instituto de Ciências Sociais - ICS, Departamento de Antropologia – DAN, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS.

FREHSE, FRAYA. **As realidades que as “tribos urbanas” criam**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

ENTREVISTAS REALIZADAS

MODESTO, Maria do Socorro. Depoimento [Out, Jan. 2023], [jan. 2024]. Altos: Entrevista realizada na residência da própria, Motorola. Entrevista concedida ao projeto de monografia: O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.

SOUSA, João Neto Ferreira. Depoimento [Jan. 2023], [Jan. 2024]. Altos: Entrevista realizada na residência do próprio, Motorola. Entrevista concedida ao projeto de monografia: O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.

MELO, Wesley Santos. Depoimento [Jan. 2024]. Altos: Entrevista realizada na frente da residência do próprio, Motorola. Entrevista concedida ao projeto de monografia: O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.

Alvares, Enedina. Depoimento [Jan. 2024]. Altos: Entrevista realizada na residência da própria, Motorola. Entrevista concedida ao projeto de monografia: O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.

INFORMAÇÃO ORAL. Depoimento [nov. 2023]. Altos: Entrevista realizada próximo à estação ferroviária, Motorola. Entrevista concedida ao projeto de monografia: O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.

INFORMAÇÃO ORAL. Depoimento [nov. 2023]. Altos: Entrevista realizada na praça dos ferroviários, Motorola. Entrevista concedida ao projeto de monografia: O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO BAIRRO BATALHÃO EM ALTOS-PI NA DÉCADA DE 1990.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Delegacia do 14º distrito de polícia de Altos, Relatório de Ocorrência de Furto. Certidão de ocorrência, nº 07/97, 1997

Delegacia do 14º distrito de polícia de Altos, inquérito policial nº12, 1997.

Divisão de polícia metropolitana, Ofício Nº 87/97, 11 de Agosto de 1997.

Código de Postura, Lei Nº 258 de 17 de dezembro de 1993.

I ciclo de Atividades culturais e Religiosas do Bairro Batalhão, Dezembro de 1995.